

A MORTE E O “POST MORTEM” DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen**

Resumo

A caminho para Lyon, São Tomás de Aquino, já bastante enfraquecido, cai gravemente doente e morre no dia 07 de março do ano 1274. De acordo com algumas fontes, o seu corpo desmembrado pelos monges de Fossanova. Este fato é algo de se estranhar ou se enquadra na época. Através de documentos, como testamentos e a Decretália de Bonifácio VIII, se tenta formular uma resposta a esta questão.

Palavras-chave

S. Tomás. Morte. Desmembramento.

Abstract

On the way to Lyon, Saint Thomas Aquinas, already greatly weakened, falls seriously ill and dies the 07 March of the year 1274. According to some sources, his body was dismembered by the monks of Fossanova. This fact is something surprising or falls at the time? Through documents such as wills and the Decretalia of Boniface VIII, there is made an effort to formulate an answer to this question.

Keywords

S. Thomas. Death. Dismemberment.

1 Introdução

Em janeiro/fevereiro de 1274, Tomás de Aquino começou a última viagem de sua vida, rumo a Lião, cidade para onde o papa Gregório X tinha convocado um Concílio – o segundo a ser realizado naquela cidade – para o dia 1º de maio de 1274 - com o objetivo de chegar a um entendimento com os ortodoxos gregos, separados de Roma desde o século XI.¹

São Tomás estava envolvido na questão da unidade das igrejas latina e grega, visto que em 1263/1264 ele compôs - a convite de Urbano IV – a obra *Contra errores Graecorum*. Com efeito, resta claro que o convite do Papa feito a Tomás não foi extemporâneo.

Tomás começa a viagem enfraquecido por doenças e – assim parece – uma profunda depressão, como sugerir o estado em que chega à casa de sua irmã, Teodora, logo antes da viagem, para um período de repouso.² O mutismo de que estava afetado deve ter contribuído para o acidente que sofreu, quando

[...] absorto em seus pensamentos, não percebe uma árvore tombada no meio do caminho e bate a cabeça num galho. Encontra-se estonteado pelo choque (*ferè stupefactus*), correm para ajudá-lo, mas ele afirma que está apenas levemente ferido.³

Continuando a viagem, marcada ainda pelo convite de visitar a abadia de Monte Cassino para “[...] esclarecer uma passagem de São Gregório que diz respeito às relações entre a infalibilidade da presciência divina e a liberdade humana Tomás reafirma ambos os dados, os ressalta a diferença”,⁴ mas responde à questão por escrito, por não estar em condições de enfrentar a íngreme subida até à abadia, e o fazer pessoalmente.

Quando chega, na segunda quinzena de fevereiro, ao castelo de Maenza, da propriedade de uma sobrinha sua, Tomás adoeceu de vez. Do castelo, foi levado a Fossanova pelo prior da abadia dos cistercienses, onde ainda por algum tempo resistiu e sobreviveu. Em 4 ou 5 de março recebeu o Viático e,

¹ Cfr. Torrell, Jean-Pierre, op. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua presença e obra*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, 4ª edição.

² Que o estado de ânimo de Tomás tinha mudado ficou evidente no fato de que, desde setembro de 1273, ele suspendeu toda e qualquer atividade de escrever ou de ditar [...] e até mesmo de seu material de escrever se livrou. Torrell, o.c., p. 3

³ Torrell, o.c., p. 340.

⁴ Torrell, o.c., p. 341.

[...] como era costume pronunciou uma profissão eucarística e [...] disse então diante do convento reunido muitas belas palavras a respeito do Corpo de Cristo, e dentre elas as seguintes: “Muito escrevi e ensinei a respeito desse Corpo santíssimo e da santa Igreja romana, a cuja correção tudo exponho e submeto.”⁵

Faleceu no dia 7 de março nas primeiras horas da manhã.

2 O que aconteceu depois da morte de São Tomás?

Johan Huizinga, na sua obra monumental *o Outono da Idade Média*,⁶ no capítulo XII, *A representação do sagrado*, fala, entre outras coisas, que

A presença física que os santos já possuíam na forma de suas imagens, era inesperadamente intensificada pelo fato de a Igreja sempre ter permitido e encorajado a veneração de suas relíquias. E como não podia deixar de ser, essa ligação com a matéria tinha um efeito materializante na fé, que às vezes levava a extremos surpreendentes.⁷

Neste contexto, baseado na *Historia translationis corporis sanctissimi ecclesiae doctoris divi Thom. de Aq. (1368, auct. fr. Raymundo Hugonis O.P.. Acta sanctorum Martii, v. 1, p. 128)*, Huizinga conta que os monges de Fossanova, temendo que a valiosa relíquia que era o corpo de Tomás se perdesse, “não hesitaram nem tergiversaram em decapitar, cozinhar e preservar o cadáver clandestinamente”, e, em seguida o enterraram perto do altar principal da capela de Santo Estevão, para o interior do claustro, tentando assim evitar que os dominicanos se apoderassem do corpo do Santo para transportá-lo. Como justificativa de ficar com os restos mortais de T. de Aquino, citaram as palavras do Aquinate, o qual teria dito que “[...] a abadia seria o lugar de seu repouso eterno”.⁸

Esta história não é encontrada no livro de Jean-Pierre Torrell, nem em outros autores consultados; com base nas fontes por ele citadas, são contados o cuidado que cercou o enterro e as várias andanças dos restos mortais do Santo, até o seu definitivo repouso em Paris, na Igreja dos Jacobinos, no 7 de março de 1974. O testemunho de Huizinga leva, entretanto, a algumas reflexões por demais interessantes e incisivas.

⁵ Cfr. Torrell, o.c. p. 343

⁶ Johan Huizinga, *Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. O título em holandês é incontestavelmente mais sugestivo: *Herfstij der Middeleeuwen*. O nome *Herfst* não tem significado pejorativo, mas evoca a esplendorosa riqueza e variedade de cores que as árvores apresentam, antes de ficarem nuas, sem folha nenhuma: o tempo do inverno.

⁷ Huizinga, o.c. p. 270.

⁸ Torrell, o.c. p. 348

Confirma-se a opinião, em curso na Igreja desde o tempo dos mártires, de que as relíquias eram consideradas importantes e valiosas, porque significaram a própria estada do santo. “De algum modo, compartilhava-se daquilo que ele teria de mais genuíno, ou seja, suas virtudes. Diante de uma relíquia, estava-se face a face com o próprio santo”⁹.

3 O procedimento, por parte dos monges, com o corpo de Tomás de Aquino seria, no século XIII, algo fora do comum?

Bagliani, na revista *Terrain*, escreve, no seu artigo esclarecedor sobre *Démembrement et intégrité du corps au siècle XIII*, o seguinte:

[...] Para nenhum outro século da idade medieval os textos nos falam tão frequentemente sobre “corpos em pedaços”, desejados e perseguidos (no momento da morte); nunca antes, a oposição ao desmembramento do corpo tão forte e determinado¹⁰.

O mais estudado é, sem dúvida, a divisão livre e consentida dos restos mortais, possibilitando, desta forma, depositar o corpo numa igreja, os intestinos em outra e os ossos na terceira. Entre outras, esta prática estava em uso para os reis da França, desde a metade do século XIII. Tratando-se de santos, há uma multiplicação dos lugares em que se pode entrar em contato com eles, venerá-los e fazer-lhes as súplicas, consideradas mais eficientes quando há no lugar relíquias “fortes”.

Porém,

[...] para o fim do século XIII o fenômeno parece mesmo se tornar uma moda”, encontrada em muitos testamentos de várias regiões da Europa, entretanto não parecendo ter se limitado às classes mais elevadas.¹¹

Interessante é observar que a motivação deste desmembramento não é uma atitude ou prática de caráter destrutivo, mas se torna um instrumento de salvação. Por exemplo,

⁹ Nunes Junior, Arrio Borges. *Relíquia. O destino do corpo na tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 2013, p.70.

¹⁰ Bagliani, Agostino Paravicini. *Démembrement et intégrité du corps au XIII^e siècle*. Em: *Terrain*, n 18 mars 1992, *Le corps en morceaux*. <http://terrain.revues.org/3028>. Acesso em 20-09-2014. “Pour aucun autre siècle médiéval, les textes ne nous parlent aussi fréquemment de “corps en morceaux” souhaités et désirés (au moment de la mort): jamais auparavant, l’opposition au démembrement du corps n’à été aussi forte et déterminée”.

¹¹ Cfr. Bagliani, o.c., p. 2.

Em 6 de dezembro de 1268 Pierre de Vico, “podestá” de Viterbo dita o seu testamento em favor da igreja de Santa Maria dos Grados, naquela cidade. Ordena ele que seu cadáver seja dividido em sete partes para resgatar os sete vícios capitais contra os quais tinha pecado”.¹²

Outras fontes se referem ao desmembramento e à divisão do corpo em várias partes que devem ser enterradas em lugares diferentes, donde se pode salientar que, entre outras coisas, este costume expressa a vontade do falecido de multiplicar os lugares em que seja possível interceder pela salvação de sua alma, tanto das penas do purgatório como da condenação total.

Numa frase forte, Bagliani acentua:

Desmembrar voluntariamente seu corpo não significa, entretanto, aniquilá-lo; significa, pelo contrário, desejar possuí-lo além da morte; significa permitir-lhe de possuir uma história no além. O desmembramento voluntário significa, então, também poder sobre o seu corpo e, do mesmo modo, amor ao corpo.¹³

4 A oposição papal à prática do desmembramento

Há, porém, oposição à prática de desmembramento. Por exemplo, o grande Roberto Grosseteste (1175-1253) considerado um homem de grande santidade e de iluminada sabedoria, fez constar em seu testamento que os “executores testamentais deveriam evitar a qualquer preço que seu corpo fosse despedaçado”.¹⁴

O fato de que a prática do despedaçamento de figuras dignitárias era bastante divulgada é revelado pelos testamentos de cardeais, especialmente os franceses, no fim do século XIII. Estes ordenam que, quando morrem longe do lugar que escolheram com antecedência para serem enterrados e para onde seria impossível transladar os restos mortais na sua integridade, os seus corpos sejam eviscerados e os intestinos, então, deveriam ser enterrados na igreja paroquial do lugar de sua morte, enquanto o que sobrou deveria ser sepultado na igreja metropolitana de sua província eclesiástica.¹⁵

¹² Bagliani, o.c., p 2. *Le 6 décembre 1268, Pierre de Viuco, podestat de Viterbe, dicte son testament em faveur de l'eglise de Saiunte Mère-des-Grades, dans cette ville. Il ordonne que somn cadavre soit "divisé em sept parties pour racheter lès sept vices capitaux contre lesquels Il avait péche.*

¹³ Bagliani, o.c., p.2. *Démembrer volontairement son corps, ce n'est cependant pas l'aneantir; c'est, au contraire, desirer le posséder au delà de la mort; c'est lui permettre d'avoir unee histoire dans làu delà. Le démembrement volontaire est donc \aussi pouvoir sur le cops et, pa la meme, amour du corps.*

¹⁴ Hofmanns, J. , 1924-31. *Le huitième quodlibet de Godefroid de Fointaines, Louvain.* Citado em Bagliani, o.c., p. 2.

¹⁵ Cfr. Bagliani, o.c., p. 3

Os cardeais italianos, a julgar pelo que consta de seus testamentos, parece que preferiam evitar seus restos mortais serem divididos, optando pelo enterro em outro lugar, por exemplo, sua cidade natal, “se esta não distar mais de um dia”¹⁶ do lugar do falecimento. Alguns determinam que sejam sepultados no lugar da morte, até que seus restos mortais estejam em condições ideais para serem trasladados ao lugar do sepultamento definitivo.

Schaefer, citado por Bagliani, neste contexto da diferença de mentalidades, que talvez tenham origem em antigos costumes culturais e geográficos, assinala o seguinte:

Os Romanos esvaziaram outrora os corpos de suas vísceras. Tiraram os intestinos. Os outros membros eram amolecidos em água salgada; deste modo ficaram conservados durante longo tempo, como hoje em dia pode ser constatado em Roma nos antigos palácios, e perto de Napoli, nas cavernas. Os alemães (*Teutonici*) pelo contrário, evisceraram os corpos de homens de dignidade que morriam nas províncias estrangeiras e fazem ferver os outros membros durante um bom tempo em, até que toda a carne, os nervos e as cartilagens estejam separados dos ossos; em seguida, os ossos são transportados para sua pátria, conservados em vinho perfumado, cobertos de pimenta.¹⁷

A noção de que a prática é bastante enraizada pode ser deduzida de uma *Decretalia* do papa Bonifácio VIII - *Destestande feritatis* - de 27 de agosto de 1299. Nesse documento, o Pontífice proíbe o desmembramento de cadáveres, no caso de traslados longos, porque este costume é por ele considerado como abominável.

[...] quando se toma cuidado no que diz respeito à majestade divina, mas que deve horrorizar ainda mais considerando o respeito que se deve ao homem.¹⁸

¹⁶ Bagliani, o.p., p. 3.

¹⁷ Schaefer, D., 1920. “Mittelalterlicher Brauch bei der Ueberfuerung von Leichen”, *Sitzungsberichte der Preussischen Akademie der Wissenschaften*. Citado por Bagliani, o.c., p. 4. “*Les romains vidaient les corps de leurs viscères. Ils enlevaient tous les intestins. Les autres membres étaient ramollis dans l’eau sale; ainsi ils étaient conservés très longtemps, comme on peut encore aujourd’hui le voire à Rome, dans les anciens palais, et près de Naples, dans des cavernas. Les Allemands (Teutonici), au contraire, éviscèrent les corps des homes de dognité que meurent dans des provinces étrangers et font bouillir les autres membres pendant ,longteempsdans des chaudières jusqu’à ce que toute la chair, les nerfs et les cartilages soient séparés des os; après quoi, les os sont transportés dans leur patrie, conservés dans du vin, convertis de piments”.*

¹⁸ Bagliani, o.c., p. 5. “[...] lorsqu’on garde à la majesté divine, mais qui doit horrifier presque encore llus em regard du respect qu’on doit ‘a l’homme.

Além disso, Bonifácio (1294–1303) acentua que o desmembramento dos corpos é

[...] contrário à sensibilidade dos homens e em contraste com a piedade comum, de acordo com as medidas do próprio cadáver que os cardeais reclamavam em seus testamentos.¹⁹

O tom é enérgico:

Nós queremos, portanto, como é o dever do nosso cargo, que um costume tão cruel, tão abominável, tão sacrílego seja totalmente destruído e não ganhe outros homens; decretamos e ordenamos com nossa autoridade apostólica que por ocasião da morte de qualquer homem, qualquer que seja sua dignidade ou sua nascença, em qualquer lugar que seja, onde reina o culto católico, que ninguém sonhe em aplicar ao corpo do defunto este costume ou qualquer outro parecido e que mão dos fiéis cesse de se sujar tão monstruosamente.²⁰

Na opinião do papa Bonifácio (Benedetto Gaetano) antes que se proceda ao transporte dos ossos, os restos mortais terão que ser enterrados no local da morte ou lugar muito próximo, durante o tempo necessário.²¹

Qual a fundamentação teológica pontifical?

Parece que o Papa promulgou sua Decretalia por duas razões: uma por causa do testamento do cardeal Nicolas de Nomancourt, em que este dignitário dispõe do desmembramento do seu corpo após do seu falecimento.²²

A segunda explicação é, de longe, mais interessante:

[...] O Papa teria desejado proibir o desmembramento do cadáver, o corpo humano cujo rosto é “formado” em semelhança com a beleza celestial,

¹⁹ Le Goff, Jacques. *Corriere della Sera*, 28/07/1992, *I medici che volevano ringiovanire il Papa*. www.nhtml:file:///C:/Users/Acesso em 20/09/2012. [...] *que proibiva lo smembramento dei cadaveri “abominevole al aspetto di Dio, contrario allà sensibilità umana e contrastante com la pietà comune” all’unisono com le misture per la cura Del próprio cadavere che i Cardinali reclamavano nei loro testamenti [...]*.

²⁰ Bagliani, o.c., p. 5. *Nous voulons donc, comme cèst le devoir de notre charge, qu’une habitude aussi cruelle, aussi abominable, aussi sacrilège soit entièrement détruite et ne gagne pas d’autres hommes; nous decretons et ordonnons de notre autorité apostolique qu’à la mort de tout homm, quelle que soit sa dignité ou sa naissance, en quelque lieu que ce soit ou règne le culte catholique, personne ne songe à apliquer au corps du defunt cet usage ou tout autre qui y ressembleriat et que la main des fidèles cesse de se souiller aussi monstrueusement.*

²¹ Cfr. Bagliani, o.c., p. 5.

²² Cfr. Bagliani, o.c., p. 6

não pode ser manchado nem desfigurado. O corpo está no centro da atenção na sua integralidade, na sua fisionomia integral.²³

Este pensamento de o corpo do homem ser “instrumento” na sua vida rumo à Pátria Celeste encontra aqui uma expressão forte, ao lado, aliás, do intenso desejo de ser lembrado nos vários lugares onde o defunto passou esta vida, e onde ele gostaria de ser rememorado nas orações piedosas de todos aqueles que o conheceram, com ele conviveram, ou ouviram dele falar.

Diz Le Goff que as práticas manifestadas significam, de certa forma, uma nova consideração do mundo dos defuntos: não de uma maneira coletiva, mas revelando um cuidado com a salvação individual:

[...] as reflexões dos teólogos sobre a penitência interior, e a confissão dos pecados, a constituição de uma moral de intenção, a formação de um discurso polêmico contra os “heréticos” acusados de negar a eficácia dos sufrágios, anteciparam as novas práticas. No século XIII, os vivos viram-se encarregados de liberar as almas de seus parentes, atormentadas em um Purgatório que os teólogos acabavam de definir como o terceiro lugar do Além. [...] Os túmulos com representações jacentes cujos primeiros exemplos haviam aparecido no século XI, generalizaram-se, respondendo a nova necessidade de a identidade.²⁴

Considerações finais

É curioso que na mesma época em que se pratica, de forma tão intensiva, o desmembramento dos corpos – seja qual for a sua motivação: intensificação das orações para os mortos pela difusão de seus restos mortais em vários lugares ou sepultamento num lugar distante importante na vida do falecido – encontraremos nos escritos de Rogério Bacon todo um “tratado” sobre os cuidados com o corpo, com a finalidade de chegar a uma idade avançada com os quatro humores em harmonia e sintonia, certificação e sinal de boa saúde garantia para a longevidade. Esta perspectiva parece eliminar a prática da divisão do corpo e insistir “[...] sobre a continuidade corporal entre a vida e a morte [...]”²⁵

²³ Bagliani, o.c. 6..p. 6. *Le pape aurait voulu interdire le démembrement du cadaver “parce que le corps humain, dont le visage (facies) est “figuré” à la similitude de la beauté celeste, ne peut être ni taché ni défiguré”. Le corps esta u centre de l’attention dans son intégrité, dans as physionomie intégrale.*

²⁴ Le Goff, Jacques e Schmitt, Jean’Claude, *Morto e mortos*. Em *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, São Paulo EDUSC 2002, p.254-255.

²⁵ Bagliani, o.c., p. 9 [...] *sur La continuité corporelle entre la vie et La mort [...]*.

De qualquer forma, parece haver, tanto no caso do desmembramento como no de conservação da integridade do cadáver, uma atitude de memória, que tem significado de amor e apreço pela corporalidade. Citando Bagliani,

Num caso (divisão do corpo) o acento é colocado numa eliminação rápida, iminente das partes do corpo sujeitas à decomposição; mas a “sobrevida” do coração e dos ossos assume uma função espiritual mediadora: os lugares de intercessão espiritual se multiplicam. Noutro caso (manutenção da integridade corporal), insiste-se numa data posterior da separação definitiva do invólucro corporal.²⁶

**Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Professor emérito da UECE. Professor do CMAF da UECE.

Professor da Faculdade Católica de Fortaleza.

Doutor em Filosofia Medieval pela PUCRS.

DL em Filosofia Antiga pela UECE.

Endereço eletrônico: *jan.gjtr@gmail.com*

Fortaleza, janeiro-abril de 2015

²⁶ Bagliano, o.c., p. 11. *Dans un cas (division du corps), l'accent est mis sur l'élimination rapide, imminente, des parties du corps sujettes à la décomposition; mais la "survie" du coeur et des ossements assume une fonction spirituelle médiatrice: les lieux d'intercession spirituelle se multiplient. Dans l'autre (sauvegarde de l'intégrité corporelle), on l'insiste sur le renvoi à une date ultérieure de la séparation définitive de l'enveloppe corporelle.*